

Quem Se Importa - Um Estudo de Caso sobre o Jornalismo Literário Aplicado ao Cinema

André de Almeida BATISTA¹

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo mostrar que o Jornalismo Literário está presente não só nos veículos escritos, mas também em obras audiovisuais. Para isso, o trabalho analisa o documentário *Quem se Importa*, de Mara Mourão.

O filme foi escolhido como objeto de estudo por conter em si um dos objetivos mais claros do JL, que é a compreensão do ser humano por trás da pauta. Buscando compreender e explicar o empreendedorismo social, *Quem se Importa* convida seu espectador a enxergar o mundo de uma maneira única, algo que só pode ser feito através da utilização das mesmas técnicas aproveitadas pelo JL. É cada vez mais evidente que o JL está presente nos melhores filmes, quer sejam documentários ou cinebiografias. Acredito que a monografia é clara e concisa. Tive a preocupação de destacar cada pilar e cada base filosófica do JL. Contribuo, assim, com os próximos alunos que sentirem a necessidade de estudar um campo tão rico em JL quanto é o cinema.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Literário; Documentário; Cinebiografia.

Quando jovens, moravam todos na beira da praia de Iracema, orla marítima de Fortaleza. Em 1973, o local que hoje faz parte dos principais destinos turísticos do Brasil não era habitado por turistas de classe média alta, mas por pescadores que conseguiam ali seu sustento.

Durante muitos anos, aqueles cearenses mantiveram suas famílias com os peixes e ensinaram a profissão para seus filhos. Mas isso mudou.

Naquele ano, todas as pessoas que viviam de forma honesta e precária ali foram desalojadas. O governo deu para eles uma barraca de lona e uma caçamba e jogou todos no meio do mato, em um local apelidado de Conjunto Palmeiras.

Sem opção, os antigos pescadores se organizaram em diversos mutirões e, durante 20 anos, construíram a comunidade.

Todavia, o orgulho pela conquista deu lugar à venda dos imóveis. Famílias se desfazendo do que construíram com tanto esforço para irem viver em favelas com condições de vida ainda piores. O motivo? Não poder pagar para viver ali.

O bairro construído por 20 anos passou a ser caro demais. A prefeitura, que em nada ajudou por décadas, passou a cobrar água, luz, IPTU. Se o trabalho não cobre as despesas, a única opção é

¹ Pós-graduando (lato sensu) em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário, graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário Sant'Anna (concluído em 2011). Formado em Espanhol pelo Centro de Estudos de Língua Júlia Macedo Pantoja (concluído em 2005). Cursando nível intermediário de Inglês pelo Yázigi. Formado nos cursos "Processos de Comunicação e Comunicação Institucional" e "Ética Empresarial" pela Fundação Getúlio Vargas em 2010. Co-autor do livro-reportagem "Os Donos da Rua", projeto de

conclusão de curso avaliado com nota máxima e indicação de publicação. Escrito em parceria com Letícia Iambasso. Criador do site "Artista na Rua" (www.artistanarua.com.br), projeto dedicado ao mapeamento dos artistas de rua da cidade de São Paulo que visa facilitar a divulgação do trabalho dos mesmos. Com experiência profissional de dois anos em produção, redação, edição e revisão de revistas e portais online, trabalhando no portal Folha Universal (www.folhauniversal.com.br) e exercendo a função de jornalista. Antigo colaborador do jornal "O Estado RJ", do site "Alive Through Music" e das revistas "Comunità Italiana" e "Ser Espírita", tendo exercido as funções de repórter, redator e resenhista.

sair dali.

Mas quem se importa?

Introdução.....

Jornalismo...

Qual é a função do Jornalismo?

Ouso abrir esse trabalho repetindo uma das perguntas mais feitas da história do Jornalismo. Desde que a primeira Bíblia de Gutenberg foi publicada em 1450. Desde que os primeiros diários foram impressos. Muito antes de conglomerados dominarem jornais, emissoras de rádio e TV e sites e mesmo depois disso tudo. Todos os empresários, estudiosos, jornalistas e admiradores buscaram a tão sonhada resposta. Como se sabe, ou como se deveria saber, no Jornalismo não existe uma verdade absoluta. Logo, não existe uma resposta.

Para Walter Lippman, a

função da notícia é assinalar um fato; a função da verdade é iluminar os fatos escondidos, estabelecer relação entre uns e outros e apresentar um quadro da realidade sobre a qual os homens possam atuar (LACERDA, 2003, p. 37)

Já Carlos Lacerda vai além:

Pois do jornalista não se exija que construa senão aquilo que lhe é próprio construir: uma opinião pública bem formada, atenta, vigilante, esclarecida (LACERDA, 2003, p. 27).

Percebe-se que, apesar de diferentes teorias, o fator humano está sempre presente. O primeiro quer iluminar os fatos, aperfeiçoar as relações interpessoais e permitir que o homem possa caminhar em direção ao seu progresso. Tudo auxiliado pelo bom

Jornalismo.

Lacerda, por sua vez, deseja uma população inteligente e pensante, que raciocine além do convencional, que possa ser guiada por um Jornalismo de qualidade.

Quer seja para Rui Barbosa, que declara o Jornalismo como “A vista da Nação” (LACERDA, 2003, p. 27), ou para Eliane Brum, segundo a qual “ser repórter é um dos grandes caminhos para entrar na vida (principalmente na alheia) com dois pés e com estilo” (BRUM, 2006, p. 194). O ser humano é o ponto mais relevante na descrição da função do jornalista. Então porque ele é esquecido?

Segundo Edvaldo Pereira Lima, das seis funções da linguagem – referencial, expressiva, conativa, fática, poética e metalinguística – estabelecidas por Romam Jakobson, o Jornalismo cotidiano prende a maior parte da sua produção à primeira, pouco explorando as possibilidades das demais a fim de enriquecer o texto, atrair o leitor, colocá-lo simbolicamente no palco dos acontecimentos e das questões (LIMA, 2009, p. 155).

O que vemos hoje no Jornalismo é uma enxurrada de informações – muitas vezes repetidas – que não respondem questões indispensáveis: Quem é a pessoa por trás disso? Qual a motivação dessa pessoa?

Ao mesmo tempo em que o lide é endeusado, ele é distorcido. O “Quem?” se resume a um nome, e não a uma pessoa, um ser humano. O “Por que?” diz respeito apenas ao motivo, e não à real motivação.

É por isso que Edvaldo Pereira Lima, em seu livro *Páginas Ampliadas*, defende que

o próprio texto jornalístico deve aumentar seu escopo como nar-

rativa, rejuvenescê-lo. Narrativa, aqui, entendida como o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato (passim, 2009, p. 138).

Se o Jornalismo convencional, cada vez mais, despreza o aprofundamento, valorando apenas a quantidade de informação e a velocidade com que ela é transmitida, – fatos que não cabem ser discutidos aqui – é necessário encontrar um meio de reverter esse cenário. Em vista das ferramentas que possui, esse caminho é o Jornalismo Literário.

Literário.....

Ora! Se o necessário é renovar o Jornalismo para atrair e orientar de forma eficaz o leitor, o melhor caminho é um Jornalismo que agasalhe seu receptor, e não apenas apresente-se a sua frente. Uma vez envolvido na matéria, o leitor automaticamente levará aquele fato, que poderia ser algo distante, para dentro de sua vida. Ali ele poderá raciocinar e aprender com o fato, sendo instigado a ter uma atitude melhor no futuro.

Edvaldo Pereira Lima já dizia que, para o Jornalismo Literário,

é conveniente que instigue o leitor, dando-lhe elementos que possa mesclar com outros para ele próprio encontrar novas combinações possíveis de compreensão do mundo. (passim, 2009, p. 146).

Dessa forma, o ser humano não apenas verá

algo frio, mas crescerá com o que lhe foi apresentado.

Para Sérgio Vilas Boas,

o Jornalismo Literário é uma entre as várias alternativas para a oxigenação dos textos às vezes herméticos (da academia), pernósticos (dos colonistas) ou banais (dos noticiários)... E então podemos reafirmar que a índole do Jornalismo Literário é exatamente fazer que conteúdo e forma sejam parceiros de uma mesma aventura (BOAS, 2007, p. 10).

Essa combinação de Jornalismo e literatura oferece tanto ao jornalista quanto ao consumidor de Jornalismo a possibilidade de buscar um sentido para os acontecimentos – e até mesmo para a vida – através da narração.

Por aproveitar da liberdade que a literatura concede – não em ficção, mas em estilo – o JL possui impressionante maleabilidade de recursos disponíveis para causar atração.

Para compor sua mensagem, visando atingir o objetivo a que se propõe, o livro-reportagem combina uma série de técnicas de tratamento de sua linguagem integral-verbal, plástica, ilustrada... Esses recursos são organizados em torno dos seguintes grupos e subgrupos: as técnicas de redação – narração, descrição, exposição e diálogo –, as funções de linguagem, as técnicas de angulação, as técnicas de edição e o ponto de vista. Quanto mais balanceada a combinação de todos esses elementos, melhor o resultado em termos de qualidade final do texto”, explica Edvaldo (LIMA, 2009, pp. 146 - 147).

Todavia, é importante ressaltar que o Jornalismo Literário não abre espaço, em circunstância alguma, para a ficção. Sérgio Vilas Boas sintetiza o que o JL não é na apresentação de *Jornalistas Literários* –

Jornalismo Literário não é a cobertura noticiosa de livros de autores; não é ficção, invenção ou história baseada (apenas baseada) em fatos; não é masturbação linguística; nem válvula de escape para artistas frustrados. Nada disso (BOAS, 2007, p. 9).

Tampouco permite a divagação tola e vazia sobre fatos. Assim como todo bom Jornalismo, – e como explica Edvaldo Pereira Lima – “há a necessidade de relatar com força, precisão, clareza e impacto” (LIMA, 2009, p. 148).

Analisando esses aspectos, podemos concluir que o Jornalismo Literário não é apenas uma forma de reportar os fatos, mas também de mover a sociedade. O Jornalismo Literário mexe predominantemente com o ser humano e suas motivações e, portanto, é a melhor forma de documentar a história.

Documentando.....

Apesar de já figurar em alguns textos sobre cinema, a palavra “documentário” passou a nomear um gênero específico de cinema entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1930. Para Francisco Elinaldo Teixeira,

ela traz as marcas de sua significação, surgida na segunda metade do século XIX no campo das ciências humanas, para designar um conjunto de documentos com a consistência de ‘prova’ a respeito de uma época. Possui, desse modo, uma forte conotação representacional, ou seja, o sentido de um documento histórico que se quer veraz, comprobatório daquilo que ‘de fato’ ocorreu num tempo e espaço dados. Aplicada a cinema por razões pragmáticas de mobilização de verbas, ela desde então disputou com a palavra ficção essa prerrogativa de representação da realidade e, conseqüentemente,

de revelação da verdade (MASCARELLO, 2006, p. 253).

Todavia, o gênero extrapolou o contexto ao qual a palavra o prendia e, entre tantas reformulações que sofreu durante anos, passou a ser mais do que um lazer. No mesmo texto, Francisco Elinaldo Teixeira descreve os intentos do documentário no início de sua vida como gênero do cinema:

Por cima dos atributos e intenções que o configurariam como um gênero, a questão reivindicada pelo documentário era de cunho epistemológico, ou seja, uma questão de como conhecer, formar, educar com os meios postos à disposição pelo cinema... (passim, 2006, p. 253).

E não é disso que se trata o Jornalismo Literário? Ir além de relatar os fatos para conhecer realmente o ponto em questão, a sociedade e o ser humano? Formar e educar pessoas cada vez melhores? É assim que o documentário se aproxima não só do JL, mas também, e principalmente, da realidade vivida.

Em entrevista a Sheila Curron Bernard, Nicholas Fraser, editor da série Storyville, que todos os anos exibe cerca de 50 documentários nos canais BBC Two e BBC Four, declarou possuir essa mesma percepção:

O que me chama a atenção nos documentários que vêm sendo feitos é que eles, conscientemente ou não, parecem remoer aquele momento de fins dos anos 60, quando tudo parecia possível na narrativa de formato longo. Em que se poderia enviar um bom escritor... para cobrir uma história e eles voltariam com algo bem interessante (BERNARD, 2008, p. 302).

Fraser defende que o ato de produzir boas reportagens tem origem no *New Journalism*, o Jornalismo Literário produzido a partir da década de 1960 nos Estados Unidos. Ele mesmo, como respeitado jorna-

lista e editor de documentários, garante que os dois formatos andam juntos em sua carreira.

Já Sheila Curran Bernard, na introdução do livro em que publicou essa entrevista, mostra ainda mais semelhanças entre as duas formas de Jornalismo:

Os documentários conduzem seus espectadores a novos mundos e experiências por meio da apresentação de informação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais, geralmente retratados por meio do uso de imagens reais e artefatos (passim, 2008, p. 302).

Utilizar acontecimentos para, primeiro, apresentar uma realidade – aquela entendida pelo autor – ao público; e, em seguida, apresentar possíveis soluções para os problemas citados, ou mesmo fazer o espectador entender que é possível mudar o panorama encontrado por aquela narrativa.

Levar as pessoas a novos mundos nada mais é do que apresentar uma realidade até então desconhecida pelo espectador. Fazer isso através de informações factuais é parte da missão jornalística.

Assim como no JL, o autor, no documentário, tem a possibilidade de usufruir de fatos e manejá-los da melhor forma para demonstrar seu parecer. As duas formas de Jornalismo são capazes de buscar na literatura artifícios que auxiliam a tecer uma boa narrativa.

Vera Lúcia Follain de Figueiredo, em seu livro *Narrativas Migrantes: Literatura, Roteiro e Cinema*, mostra que

são de longa data as relações entre mercado editorial e cinema. Já na Europa da terceira década do século XX, a possibilidade de bons investimentos comerciais, que o entusiasmo do público com o cinema deixava entrever, estimulava a publicação de versões romanceadas de obras cinematográficas e de textos destina-

dos a ser convertidos em filmes (FIGUEIREDO, 2010, p. 23).

Ainda que o Jornalismo, em hipótese alguma, permita a ficção, os documentários herdaram a forma envolvente de narração oferecida pelos romances. Nada melhor, já que a existência humana se trata de uma sequência de narrativas, conforme a autora defende:

A vida viria a ser, desse modo, um tecido de histórias contadas, através das quais encontramos a identidade narrativa... Contar o que aconteceu já seria explicar por que aconteceu e explicar mais seria narrar melhor (passim, 2010, p. 90).

No Brasil os documentários possuem relativo sucesso. Prova disso é o número de obras produzidas. O *Dicionário de Filmes Brasileiros* organizado por Antonio Leão da Silva Neto mostra que entre os anos 1908 e 2009 foram produzidos 747 documentários no Brasil. Levando em conta os 101 anos analisados, obtém-se uma média de 7,39 documentários por ano.

Esse gosto por documentários pode ser explicada com a ajuda do antropólogo Marc Augé, que em *Las Formas del Olvido* diz que

a vida pode ser vivida como ficção – não a ficção como oposta à verdade do relato supostamente verdadeiro dos historiadores, mas como a narração, como enredo, que obedece a um certo número de regras formais (passim, 2010, p. 91).

Fica constatado, então, que tanto o Jornalismo Literário quanto o documentário retratam a realidade utilizando técnicas narrativas convenientes para atrair o público e cumprir seus papéis enquanto Jornalismo e o cinema. Logo, o que Edvaldo Pereira Lima escreve sobre o JL também se aplica aos filmes produzidos nesse modelo:

O eixo condutor de tudo é o reportar, a arte de você partir a campo para o mundo, vivenciar uma situação, testemunhar

acontecimentos, interagir com pessoas imersas nas suas circunstâncias particulares de vida e de seu momento histórico, dar significado à realidade que você constata e expressar tudo isso, num texto, com vivacidade, vigor, valor estético e validade (LIMA, 2009, p. 15).

Algo semelhante ao que Sheila Curran Bernard defende:

Existem muitas formas de contar uma história em documentários, muitas histórias a serem contadas, um número cada vez maior de cineastas para contá-las e tecnologia de alta qualidade e baixo custo à disposição. Então, trate de contar uma história honesta, uma boa história. Contribua para nosso entendimento sobre quem somos, em que solo temos pisado e sobre quem podemos nos tornar. Tenha a mente aberta. Seja rigoroso. Divirta-se. E quer você os chame de docs ou documentários, saiba que está se referindo não a um estereótipo já “cansado de guerra”, de filmes secos, maçantes e melindrados com a realidade à sua volta, mas a uma forma de expressão criativa que é, sim, excitante, desafiadora e dinâmica (BERNARD, 2008, p. 11).

E é sob esses parâmetros que Mara Mourão dirigiu um dos mais significativos documentários dos últimos anos: *Quem se Importa*.

A nálise do documentário

Quem se Importa é mais do que um filme. É um movimento travestido de documentário. Durante 91 minutos são apresentadas 18 de histórias de vida de pessoas que conseguiram mudar o mundo ao seu redor, melhorando a vida de centenas de pessoas.

As filmagens foram feitas em sete países – Alemanha, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Peru, Suíça e Tanzânia – durante 40 dias, sempre com a

diretora Mara Mourão entrevistando os personagens.

A principal razão do filme é explicar e exemplificar de forma simples e contagiante o conceito “Empreendedor Social”, que diz respeito a pessoas que dedicam suas vidas a um bem maior, como Wellington Nogueira, fundador do grupo Doutores da Alegria, e Muhammad Yunus, criador do Grameen Bank e do microcrédito e honrado com o Prêmio Nobel da Paz em 2006.

Como a própria equipe de divulgação do filme afirma, esse é “um movimento que inspira as pessoas a serem transformadoras”.

Nos tópicos seguintes, veremos como o documentário se encaixa perfeitamente no Jornalismo Literário, apresentando as bases filosóficas que regem o JL, segundo o livro *Páginas Ampliadas*, de Edvaldo Pereira Lima.

Exatidão e Precisão

Antes de mais nada, qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portando elementos da realidade que o tornam verossímil, identificado por muitos de nós. Tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto (LIMA, 2009, p. 355).

Essa é a primeira base que Edvaldo Pereira Lima define em seu livro. Para ser considerada Jornalismo, a matéria deve possuir uma base sólida, sem espaços para dúvidas e sem dar oportunidade para ser questionada.

Apresentar dados com exatidão e precisão é primordial. O desafio aqui, porém, é maior do que no Jornalismo convencional, onde muitas vezes apresentar números ou datas é suficiente. Para o jornalista Literário, esses elementos devem estar dissolvidos na

história, de forma a fazer o leitor entender que tudo o que está sendo mostrado ali é verdadeiro sem se entediar.

Essa parece ser uma preocupação constante na edição do filme. Durante todo o documentário são apresentados dados e datas que podem facilmente ser comprovados por qualquer pessoa, além de detalhes que somente quem viveu o fato poderia saber. Muitas vezes, o simples fato de possuir imagens pode ser o suficiente. Ainda assim, a precisão é muito importante para a diretora.

Um bom exemplo dessa precisão é o trecho do filme, aos 36 minutos, em que o ambientalista Dener Giovanini conta como deu início ao seu “ativismo social”. O fundador da Organização Não Governamental Renctas é reconhecido mundialmente como um dos mais importantes empreendedores sociais. Sua ONG luta contra o tráfico de animais silvestres e seus obstáculos são muitos.

Dener diz em seu relato que foi ameaçado de morte. Em suas palavras “foram muitas as ameaças e os atentados”, ele “recebeu arma na cara” e teve “a casa atingida por tiros”. É uma revelação forte, que pode levar algumas pessoas a questionarem a veracidade.

Por isso, o narrador do documentário imediatamente relata que o tráfico de animais é o terceiro maior do mundo, perdendo apenas para os tráficos de drogas e de armas. Ele também afirma que esse crime movimentava bilhões de dólares todos os anos e que apenas 10% dos animais capturados chegam vivos ao seu destino final.

Enquanto fala, o narrador é acompanhado por imagens que demonstram a crueldade dos traficantes. Essas imagens são de pássaros sendo droga-

dos e presos em canos de plástico, cabeças de jacarés mortos enfileiradas e animais presos em gaiolas minúsculas.

Após o discurso do narrador, ninguém mais duvida da existência de ameaças.

Contar História.....

Entre a técnica da pirâmide invertida – que congrega artificialmente os elementos primários de uma informação no início de um texto – ainda presente como principal recurso organizador de uma matéria, em muitos periódicos, e o estilo narrativo, o leitor aprecia mais o segundo. Pois o estilo narrativo corresponde a uma tendência natural humana, há milênios, que é contar e receber (ouvir, ver, ler) histórias... Contar histórias reais envolve necessariamente colocar o ser humano em primeiro plano (passim, 2009, p. 358).

Contar histórias é o que o documentário faz durante toda a sua extensão. Com os recursos da edição, ela intercala 18 narrativas de vida, sendo que em muitas dessas narrativas os personagens contam mais histórias para explicarem como chegaram até ali.

Durante todo o filme, cada personagem tem a responsabilidade de contar sua própria vida, o que acarreta boas histórias. O narrador pouco fala, e quando aparece, geralmente, demonstra dados, datas ou fatos. Ou seja, mais do que narrar as vidas exibidas no filme, ela faz com que os próprios personagens sejam os narradores.

Humanização.....

Quando se conta histórias, a humanização acontece de forma natural. Contudo, o jornalista Literário precisa ir além do que o normalmente demons-

trado pelos narradores comuns.

Para Edvaldo Pereira Lima,

toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações (passim, 2009, p. 359).

Esse é um ponto perigoso quando se produz Jornalismo Literário. Geralmente escolhemos personagens por afinidade. Pessoas que admiramos e têm pontos positivos muito fortes para demonstrarmos. Santificar o personagem é um risco real.

Em *Quem se Importa*, Mara Mourão caminha por uma linha estreitíssima entre o endeusamento e o bom senso. Como era de se esperar, algumas vezes ela atravessa essa linha. Não através de suas próprias palavras, pois essas não aparecem, mas ao permitir que apenas pontos positivos de alguns personagens sejam destacados.

Isso em nada atrapalha o bom andamento do documentário, a compreensão do tema ou a recepção do público, ou seja, o objetivo do filme é cumprido.

Quem se Importa é um conjunto de perfis de pessoas que abandonaram suas primeiras convicções – aquelas impostas pela sociedade – e, lutando contra todas as expectativas, seguiram seus sonhos até mudarem tudo ao seu redor. Hoje, essas pessoas auxiliam milhares de outras mais necessitadas. É evidente que o lado positivo delas tem mais ênfase no documentário.

Visando demonstrar que essas pessoas são pessoas comuns, porém, as dúvidas que surgiram ao

longo do caminho são retratadas. Um exemplo tratado com bom humor, apesar da seriedade que envolve, é o da médica Vera Cordeiro, fundadora da Saúde Criança, tratado aos 43 minutos de filme.

Ela conta que, antes de iniciar seu projeto, roubou roupas das próprias filhas e objetos de sua casa para leiloar e, com o dinheiro, ajudar mulheres desconhecidas que não tinham dinheiro para levarem seus filhos ao médico, sendo que esses tinham câncer. Essa e outras histórias fazem com que o documentário cativa seus espectadores. As dúvidas, as origens simples e os problemas encarados no princípio criam empatia e mostra que todos os persistentes podem alcançar seus objetivos.

C ompreensão.....

Talvez esse seja um dos fundamentos mais bem explorados por Mara Mourão. Durante todo o filme ela busca compreender o que está acontecendo com a sociedade e como melhorar a situação. Mais do que isso, busca compreender os próprios personagens.

Sem preconceito, ela une no mesmo filme empreendedores envolvidos com o fornecimento de banheiros públicos na Nigéria, com o treinamento de ratos para a detecção de tuberculose e minas terrestres na Tanzânia e outros que atuam nas mais variadas áreas. Todos têm o mesmo espaço para expor seus projetos e todos os projetos se tornam importantes tanto na composição do documentário quanto na melhora do ambiente em que vivem.

Prova da busca pela compreensão da diretora é a vasta gama de personagens atuando em áreas e em proporções muito distintas. No filme, os três perso-

nagens seguintes têm o mesmo destaque:

Karen Tse: Responsável por melhorar a estruturação do aparato jurídico em diversos países, fazendo com que nenhum presidiário permaneça privado de uma defensoria pública. Foi a primeira mulher autorizada a entrar na China para lidar com o tema da justiça.

Rodrigo Baggio: Brasileiro fundador do Centro de Democratização da Informática (CDI), instituto que leva essa área de estudo às camadas mais necessitadas financeiramente. Atua em 13 países e já ganhou mais de 60 prêmios internacionais.

John Mighton: Criador da Jump, instituição que impulsiona o amor pela Matemática em jovens de baixa renda para que eles tenham melhor autoestima, melhor concentração e menos ansiedade em sua vida.

Edvaldo Pereira Lima diz que a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de *Jornalismo Literário*, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo (passim, 2009, p. 366).

É exatamente isso que o filme traz ao espectador.

U...niversalização Temática

Edvaldo Pereira Lima explica que no *Jornalismo Literário* é fundamental que a pauta englobe uma universalização temática, já que no *Jornalismo convencional* cada matéria está englobada em sua própria editoria.

A variação de personagens contida em *Quem se Importa* responde de maneira muito positiva a essa

exigência. Mostrar os mais diversos tipos de empreendedorismos sociais faz com que os espectadores se unam em volta da proposta do filme, que é plantar uma semente empreendedora em cada pessoa.

Algumas pessoas acreditam que a melhor forma de melhorar o mundo é distribuir melhor a renda, e isso está exemplificado no caso de Joaquim Melo, fundador do Banco Palmas. Outros acreditam que a saúde deve ser o principal foco de mudanças e se identificam com as histórias de Eugênio Scanavino, fundador do *Saúde e Alegria*, e de Bart Weedjens, criador da *Apopo*.

Outros ainda preferem que o meio-ambiente seja socorrido primeiro. Para esses as histórias de Oscar Rivas, criador da *Sobrevivência*, e de Joaquín Leguía, criador da *Ania*, vão fazer mais sentido.

Além dessas áreas, muitas outras estão retratadas no documentário, como o *Ensino*, a *Filosofia*, a *Justiça*, a *Tecnologia*, etc.

A universalidade de temas contidos em uma mesma matéria faz que o espectador seja atraído por aquilo que já tem interesse e aprenda mais sobre outros assuntos, desenvolvendo uma simpatia também por eles.

“O conteúdo é criteriosamente estruturado, sólido de informação, pelo rigor da exatidão e da precisão, mas a apresentação deve ser cativante” (passim, 2009, p. 368). É isso que Edvaldo Pereira Lima defende em seu livro e é isso que Mara Mourão faz em seu filme.

E...stilo próprio e Voz autoral

Ao contrário do *Jornalismo convencional*, o *JL* exige que cada autor demonstre sua personalidade,

sua forma de enxergar no mundo, sua forma de ser. Os textos pasteurizados de grande parte da imprensa e os filmes industrializados de boa parte do cinema não são tão atraentes para o público. Quando procura pelo JL o leitor quer saber qual a posição do autor em relação ao assunto.

Apesar de, em nenhum momento, o rosto ou a voz de Mara Mourão aparecerem no filme, a personalidade da diretora está presente durante os 91 minutos. O documentário é sério e bem-humorado, instiga e faz pensar, envolve o espectador e desperta nele a vontade de buscar uma mudança. Mesmo quando os personagens estão relatando suas experiências, o filme não para. O cenário por trás deles está em constante movimento. Os vídeos de discursos dos personagens são intercalados o tempo inteiro por imagens envolvidas com o tema e ilustrações animadas.

Essas ilustrações, aliás, merecem seu destaque. Elas dão ao filme uma leveza essencial quando se conversa com temas tão pesados. Aos 67 minutos, por exemplo, o personagem está contando a história de outro rapaz, dependente químico, que se envolveu no tráfico de drogas. Foi preso e sofreu abusos na prisão. Fugiu, entregou-se à morte, foi alvo de cinco tiros e não se feriu. O clima poderia ser mais pesado do que o necessário, dando à cena um quê de drama dispensável. As ilustrações, porém, amenizam o momento sem tirar a seriedade do assunto.

Em outros momentos, como a já citada revelação de furtos da doutora Vera Cordeiro, a diretora usa o bom humor. Em um primeiro momento, é exibida a fotografia de uma sala repleta de móveis e utensílios. Enquanto a médica dá seu depoimento, outras fotos vão sendo exibidas, cada vez com menos objetos no ambiente. Esse recurso de fotos diferentes em sequência desperta um leve sorriso no espectador, sem que ele deixe de ouvir o re-

lato da personagem. Ver o mundo com um olhar diferenciado, liberto de condições limitadoras que empobrecem a visão, é condição desejável. Pois a singularidade individual do olhar do autor transmite à obra um toque de exclusividade que a diferencia, valorizando-a (passim, 2009, p. 369).

É o que diz Edvaldo Pereira Lima e o que segue Mara Mourão.

Em relação à voz autoral da diretora, a simples escolha do tema já é significante, assim como as escolhas realizadas na edição. Para o espectador, talvez a cena de abertura seja a que deixa mais evidente a opinião por trás do filme.

O documentário é iniciado com um desenho animado de aproximadamente um minuto, em preto e branco, acompanhado por uma música lenta que vai aumentando o ritmo aos poucos. A animação mostra rios poluídos, transbordando e sendo limpos, crianças sendo ensinadas na escola e favelas sendo pisoteadas, livros voando, animais presos sendo soltos e energia eólica sendo produzida. Aos poucos, um grande círculo é formado com vários pequenos dentro. O primeiro são pessoas de mãos dadas, o segundo onças ou panteras, o terceiro árvores e o quarto bicicletas e hélices produtoras de energia eólica. Por fim, o maior círculo é formado por mais pessoas de mãos dadas. O círculo se distancia do centro da tela até formar parte da frase “Quem se importa”.

Fica evidente que a diretora quer transmitir ao público a ideia de que existem muitos problemas para serem resolvidos e somente através de pequenas atitudes individuais tomadas por todas as pessoas é possível “consertar” o mundo. A união é exaltada no primeiro momento do filme, na primeira cena.

Eis a voz autoral de Mara Mourão mostrando o que

pensa sem ser taxativa e sem impor a ninguém sua opinião.

Imersão.....

Como o propósito-motriz do Jornalismo Literário é a compreensão da realidade, só há uma maneira de um bom repórter aquilatará-la melhor: mergulhando na própria. O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens (passim, 2009, p. 373).

Podemos perceber a imersão de Mara Mourão em seu projeto através de dois dados principais: o primeiro é a viagem realizada para cumprir seus objetivos. A autora viajou por sete países a fim de entrevistar e conhecer melhor seus personagens. O segundo ponto que prova a imersão dela no assunto é justamente o grande conhecimento de causa que ela tem. Ela não só entrevistou 18 grandes empreendedores sociais, mas entrevistou empreendedores de áreas extremamente diferentes. O resultado é visível: uma mensagem dada por quem entende do assunto e quer passar a missão adiante.

Simbolismo.....

A vida não é apenas o concreto, o visível, o tocável. Mais do que isso, a vida é um conjunto de significados ocultos atrás de valores e objetos que, em uma primeira vista, podem parecer sem importância.

O jornalista Literário, porém, não tem a opção de subestimar o valor simbólico de qualquer que seja o objeto de avaliação. Como já foi dito, ele precisa estar atento a tudo com olhos, nariz, ouvidos, pele e, principalmente, subconsciente. É preciso estar totalmente focado em algo para entender aquilo como um

todo. Ainda que existam várias verdades, o jornalista Literário é obrigado a compor a sua com o máximo de informações possíveis. Só assim poderá transmitir para seu leitor, ainda que de forma velada, o sentido do que o fez produzir aquela matéria.

Como Edvaldo Pereira Lima descreve em seu livro,

o simbolismo ajuda a consolidar na mente do leitor a síntese, a imagem, o sentido de um acontecimento, pois se vale do discurso poético, do código visual (passim, 2009, p. 373).

Logo após a animação que abre o filme, uma sequência de imagens, sem palavra alguma, é transmitida.

Primeiro um canhão atira. E seguida um grupo de homens armados trocam tiros com alguém oculto. Um homem ferido aparece deitado em uma maca. Uma floresta em chamas se transforma em uma única árvore pelada estendida ao chão; Uma fábrica emite fumaça negra. Outra emite fumaça branca. Um avião despeja agrotóxicos em plantações; Crianças brincam em um lixão atrás de uma favela; E finalmente, um senhor é mostrado de perfil, olhando para frente, à direita da tela. De repente ele vira-se para a câmera com uma expressão de quem não entende o que está acontecendo.

É uma montagem caótica, suja e que fala muito mais do que as palavras que usa. É evidente o que a autora está dizendo, ou perguntando: Qual é o problema desse mundo? Como tantos lugares podem abrigar coisas tão horrendas? O que está acontecendo? O que vai acontecer?

Quando o JL é escrito, carece de uma boa descrição dos elementos para que o leitor entenda o simbolismo. Em vídeo, essa descrição não é necessária. Isso, porém, não passa de uma armadilha. Tanto

um autor quanto o outro devem estar atentos ao que se passa para conseguir mostrar exatamente a cena que representa algo maior, a cena que esconde seu significado.

Por volta do terceiro minuto do filme, uma moça bonita, com os cabelos louros bem arrumados caindo pelos ombros e a maquiagem bem feita, discreta e majestosa, é mostrada sentada em um carro. Podemos vê-la apenas pela janela. Ela fixa o olhar no vazio. Parece entediada, desanimada, apática. Prestando atenção, é possível perceber que o carro no qual está é caro. Todo o estofamento interno é de couro preto. Alguns detalhes metálicos brilham. A janela se fecha sem que a moça se movimente. O carro possui vidros automáticos. O rosto dela é o mesmo, sem reação. Enquanto o vidro sobe, substitui o rosto dela pelo reflexo de um imenso e imponente edifício que tampa o céu azul.

Apesar de a cena durar apenas seis segundos, está repleta de simbolismos. Ninguém diz, mas a moça é materialmente rica. Está bem arrumada em um carro caro. A visão de seu rosto apático é substituída pela de um arranha-céu. Ninguém sabe qual a relação dela com o prédio, mas o carro está parado em frente a ele. Somente pessoas em boa situação econômica frequentam esses lugares. Ela está sozinha no banco de trás do carro. Logo, deduzimos que ela ou alguém muito próximo a ela tem ligação com o prédio. Ela deve possuir certo conforto financeiro, mas demonstra que sua vida não se movimenta, que não está feliz, que se encontra estagnada em um marasmo desanimador. Ninguém usa palavras, mas Mara Mourão diz ali o que tantas vezes ouvimos: o dinheiro não traz felicidade.

Outro bom exemplo de simbolismo no fil-

me é a roupa que os personagens utilizam durante seus depoimentos. Todos estão bem vestidos, com roupas limpas e bonitas. Todas as roupas, porém, parecem não despertar grande interesse em seu usuário. Muhammad Yunus, por exemplo, usa um colete por cima de uma camisa simples. Bill Drayton, fundador (na década de 1980) da primeira ONG que visa apoiar os empreendedores sociais, veste um terno, mas sua gravata está visivelmente desarrumada. Outros vestem moletons, camisetas e assim por diante.

Todos bem vestidos, mas nenhum preocupado em estar bem vestido. Isso demonstra que eles não se importam com modismos ou com a opinião de quem os julgará pela roupa. Assim como nas atividades que desenvolvem, vivem num clima de simplicidade.

Metáforas

Outro recurso importante no Jornalismo Literário é a metáfora.

Fazer as palavras que a compõem – o significante, na linguagem da teoria da comunicação – representarem – o significado, na mesma linguagem – uma coisa à qual não estão normalmente associadas (passim, 2009, p. 382).

A metáfora é capaz de ilustrar algo de tal maneira que faz o receptor da mensagem entender aquilo como se fosse o mais óbvio, embora nunca tenha ouvido aquela comparação antes.

Aos 46 minutos de filme, por exemplo, Isaac Durojayie se utiliza da seguinte metáfora: “Eu defino ideias como o paraquedas. O paraquedas é um equipamento maravilhoso, mas apenas quando é utilizado para a sua função. Se enrolar o paraquedas em volta de si mesmo ele se torna um objeto inútil. Mas se

“você sobe a uma alta altitude, salta e liberta seu paraquedas, o que acontece? Ele se abre! Você enxerga a beleza do paraquedas e ele vai te dar uma aterrissagem suave. E eu vejo as ideias da mesma forma! Ideias são coisas que nós precisamos libertar. Quanto mais você guarda a ideia pra si mesmo, mais essa ideia vai se tornar inútil. E aí essa ideia vai acabar onde a maioria das ideias acaba: No cemitério!”

Aqui vemos duas metáforas. A primeira é evidente, que diz respeito a ideias e paraquedas. Já a segunda fala sobre a relação de ideias e pessoas. Pessoas mortas são enterradas no cemitério. Ou seja, quem está ali é incapaz de mudar algo, de fazer algo acontecer. Ideias que não podem ter a liberdade para agir se tornam inúteis e morrem. Vão para o cemitério, acabam esquecidas.

Ao longo de todo o documentário, pequenas metáforas como essa são utilizadas. Mesmo que não sejam feitas pela diretora, ela fez a opção de mantê-las no filme e também merece os devidos créditos.

Digressão.....

O filme é todo recheado de pequenas digressões, na maioria das vezes realizadas por personagens que contam seus pensamentos, sonhos e filosofias. Quando aos 44 minutos a doutora Vera Cordeiro faz seu relato de como fundou a Saúde Criança, ela divaga em seus pensamentos sobre como deveria ser o comportamento das pessoas para que o mundo seja salvo.

Outro exemplo é quando Bill Drayton, aos 87 minutos, pergunta para o público e para si mesmo “Como será um mundo onde todos são transformadores? Um mundo completamente diferente do mun-

do que temos? Um mundo de real igualdade onde todos contribuam de forma grandiosa e onde todos precisem ser realmente empáticos, éticos e profundamente respeitosos com as pessoas a sua volta pra viver?”.

Por parte da diretora, a digressão fica evidente no final do documentário. Aos 86 minutos, o narrador faz o seguinte discurso: “Não é preciso muito para inspirar uma pessoa jovem. Não é preciso muito para permitir que seja o que eles verdadeiramente são. Nessa idade eles são poetas, são criadores, são inovadores. Essa é a época onde nós devemos nos livrar do entulho e abrir a possibilidade pra que eles vejam o fazer mudança como um caminho a ser seguido.”

Por felicidade da equipe de produção do documentário, ele não só apresenta digressões, mas também leva seus espectadores a acompanharem nessas divagações e até mesmo realizarem suas próprias digressões individuais.

Criatividade.....

É preciso ter cuidado para analisar a criatividade de alguém. O jornalista, como reprodutor de realidades, não pode ser criativo no aspecto de criar um mundo novo, novos cenários ou personagens fictícios, como fazem os romancistas.

Assim como defende Edvaldo Pereira Lima, a criatividade se apoia fundamentalmente em dois quesitos: a imaginação e a associação.

Imaginar é ver, com os olhos da mente, possibilidades não antecipadas por outros. É discernir, mentalmente, caminhos novos para se atingir objetivos. É ensaiar novas maneiras de compreensão de fatos conhecidos ou de situações desconhecidas que podem ser combinadas

a conteúdos familiares ao leitor...
... A segunda qualidade, a associação, une conteúdos que normalmente não vemos mutuamente relacionados. É uma ação concreta. Quando você inova, pela primeira vez colocando em interação coisas que não se via em conjunção, você está sendo criativo (passim, 2009, pp. 384-385).

Podemos afirmar, portanto, que a criatividade aqui não está em criar algo concreto, mas em saber enxergar as situações de uma maneira diferente, nunca antes feita. Só é capaz de realizar esse tipo de feito aquele jornalista que está totalmente focado em seu projeto e mesmo assim permanece com a mente aberta para aceitar o mundo como ele vier. Além disso, é necessário questionar, duvidar, perguntar, imaginar como seria se fosse de uma maneira diferente. Essas práticas são capazes de despertar pensamentos que não são acessíveis em uma simples entrevista ou observação.

Durante o documentário *Quem se Importa* fica evidente que Mara Mourão foi, sim, criativa. A começar pelo objetivo do projeto: divulgar o empreendedorismo social. Raramente vemos reportagens sobre esse assunto e, quando algo assim é publicado, quase sempre está focado em apenas uma única organização ou associação. Muitas vezes matérias sobre as doações que uma pessoa famosa fez a uma ONG ganham destaque, mas nunca a própria ONG e suas atividades são a matéria.

Alguns documentários foram realizados antes mostrando esse tipo de atividade. A própria Mara Mourão, em 2005, foi contemplada com prêmios no Festival de Gramado e no Festival de Cinema Brasileiro em Nova York pelo filme *Doutores da Alegria*. O Projeto Saúde e Alegria também teve sua história contada em filme homônimo realizado por Ruth Sin-

ger.

Todavia, pela primeira vez tantos empreendedores sociais foram reunidos em um único filme. Isso poderia gerar certa confusão, mas a diretora usou de sua criatividade para fazer uma bela montagem. Outras peças fundamentais para a montagem do filme são a *Camaleão Filmes* e a *Citron Vache*, responsáveis pelas animações que permeiam todo o documentário. A própria cena de abertura do filme já descrita aqui é um ótimo exemplo de criatividade. Nela, cada personagem é desenhado de forma que uma simples distorção sua forme outra e essa segunda forme uma terceira e assim por diante, até que as ilustrações formem uma sequência de um minuto. Mesmo que o recurso já tenha sido utilizado diversas vezes em outros projetos, a associação de imagens e significados é inédita, causando forte impacto nos espectadores.

Responsabilidade ética

A última base filosófica que Edvaldo Pereira Lima apresenta em *Páginas Ampliadas* é a Responsabilidade Ética.

Quando um jornalista se propõe a produzir uma matéria, seja ela qual for, está assumindo que nada ali será fictício. A responsabilidade do jornalista é buscar entender a realidade o máximo possível e transmitir isso ao seu receptor. Em circunstância alguma um fato, por menor que seja, pode ser alterado. Mesmo que carregue consigo o nome “Literário”, é a função de jornalista que está sendo desenvolvida ali. Do contrário, seria “literatura jornalística”. Portanto, ser sincero é a parte mais fundamental na produção de qualquer material de JL.

Evidentemente, não pude visitar cada entre-

vistado e seus familiares e amigos para comprovar a história. Mesmo nos sites das fundações – todos recomendados no site do próprio documentário – não existe tanto conteúdo quanto no filme, ou, se existe, não é exatamente o mesmo.

A boa utilização dos pilares Exatidão e Precisão nos levam a crer que Mara Mourão agiu com honestidade. E não existem motivos para discordar disso.

Outro ponto importante na Responsabilidade Ética citada no livro é a sinceridade na construção dos personagens. Antes de jornalista, todos são seres humanos, com suas crenças, preferências e filosofias. Ainda que esteja aberto ao mundo, como um jornalista Literário deve sempre estar, na hora de produzir a matéria ainda existirão crenças, preferências e filosofias. Diferentes das iniciais ou não, elas estarão lá. É fundamental, portanto, que o autor seja transparente com seu leitor. Em *Quem se Importa* fica claro que Mara Mourão é admiradora do trabalho de seus personagens e em momento algum ela tenta esconder isso. Contudo, esse fator em nada atrapalha na construção do filme. O fato de ela ser franca desde o início faz com que o espectador jamais questione suas intenções.

Edvaldo Pereira Lima diz que uma narrativa de Jornalismo Literário não é uma tese científica. O autor não é obrigado a encontrar hipóteses rígidas, nem comprovar nada, a partir de uma tese propriamente esboçada. Sua missão é narrar organicamente, com o vigor da vida real – não com o artifício da vida abstrata que a ciência gera em muitas ocasiões –, o que vê, sente, cheira, constata. O que compreende da realidade que vivencia, o que apreende da humanidade de seus personagens. Nada (!!) mais do que isso (passim, 2009,

p. 392).

Mara Mourão agiu, portanto, como manda o JL: transparência do início ao fim.

A apresentação de Resultados

Após analisar o documentário *Quem se Importa*, decompondo-o de acordo com os principais princípios filosóficos apresentados no livro *Páginas Ampliadas*, de Edvaldo Pereira Lima, cheguei à conclusão de que as mesmas marcas do JL estão traduzidas nesse documentário.

Conforme havia percebido antes de dissecar o objeto de estudo, o documentário apresenta todas as características exigidas pelo Jornalismo e pela cinematografia de documentários, sem nunca deixar de ser Jornalismo Literário.

A palavra “literário” em nada prende o estilo ao Jornalismo impresso. Ao contrário, dá a oportunidade de outros meios, como o rádio, a fotografia, a televisão e o cinema, de utilizarem suas bases para produzirem excelentes obras. E, ainda que não estejamos acostumados a classificar documentários como Jornalismo Literário, já tem gente produzindo seus filmes – há muito tempo – sobre as estruturas desse tão admirável nicho da comunicação.

Sobre a história que abre o trabalho ...

Joaquim Melo se importou. Junto com a comunidade em que vivia, percebeu que o dinheiro necessário entrava no bairro, mas saía de uma forma imprudente. As famílias que ali moravam compravam tudo fora do bairro e o dinheiro que manteria a comunidade se esvaía. Por isso, Joaquim, sem formação

acadêmica alguma em Economia ou algo que o valha, juntou dois mil reais e em 1998 criou o Banco Palmas. Com moeda própria, o Banco Palmas foi capaz de manter o dinheiro que entrava na comunidade dentro da comunidade. As pessoas aderiram, pois economizavam. Os comerciantes aderiram, pois fidelizavam os clientes. O Banco Central não aderiu, processou os cidadãos por crime contra o Estado e falsificação da moeda nacional, mas perdeu o caso.

Hoje existem mais de 30 filiais do Banco Palmas espalhadas pelo país. E outras estão por vir. A comunidade cresceu e virou exemplo de desenvolvimento.

Joaquim Melo se importou com o que ninguém se importava. E hoje sua história – e mais 17 outras – inspiram, através do documentário Quem se Importa, pessoas a também melhorarem o seu mundo.

R eferências Bibliográficas.....

BERNARD, Sheila Curran; [tradução Saulo Krieger]. Documentário – Técnicas para uma Produção de Alto Impacto. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BOAS, Sergio Vilas (org.). Jornalistas Literários – Narrativas da Vida Real por Novos Autores Brasileiros. 1ª. Ed. São Paulo: Summus, 2007.

BRUM, Eliane. A Vida que Ninguém Vê. 2ª. Ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de Figueiredo. Narrativas Migrantes: Literatura, Roteiro e Cinema. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: 7Letras, 2010.

GOMES, Mayra Rodrigues. Jornalismo e Ciências da Linguagem. 1ª. Ed. São Paulo: EdUSP, 2000.

JORGE, Thaís de Mendonça. Manual do Foca – Guia de Sobrevivência para Jornalistas. 1ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LACERDA, Carlos. A Missão da Imprensa. 2ª. Ed. São Paulo: EdUSP, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. 4ª. Ed. Barueri: Manole, 2009.

MASCARELLO, Fernando (org.). História do Cinema Mundial. 6ª. Ed. Campinas: Papyrus, 2006.

NETO, Antonio Leão da Silva. Dicionário de Filmes Brasileiros – Longa Metragem. 2ª. Ed. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2009.

PINTO, Ana Estela de Sousa. Jornalismo Diário. 1ª. Ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

Documentos da Internet

LIMA, Edvaldo Pereira. Jornalismo Literário no Cinema: Disponível em <<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20031110160922&category=en-saios&lang=>>>. Acesso em: 05 de jan. de 2013.